

## A FILOSOFIA: UNIDADE OU UNIÃO\*

Ivanka Raynova  
(Sofia — Bulgária)

O tema desta mesa redonda posto nestes termos pressupõe de algum modo a existência de dois tipos de filosofia: filosofia oriental e filosofia ocidental. Uma comparação entre ambas deveria levar em conta as diferenças essenciais, bem como os traços comuns; mas os primeiros são mais importantes, uma vez que só eles revelam a especificidade destes dois tipos de pensamento.

Ora, através de que poder-se-iam distinguir dois tipos gerais de filosofia?

Sabemos que após Hegel e Feuerbach, Engels distinguiu duas grandes correntes filosóficas, de acordo com a natureza da resposta à questão fundamental da filosofia: o materialismo e o idealismo. Ora tal método não poderá nos levar avante, pois que: 1) na Antiguidade as tendências materialistas e idealistas não foram sempre tão distintas e opostas como, por exemplo, na filosofia europeia clássica, e 2) porque estas duas tendências caracterizam antes o que é comum entre a filosofia oriental e a filosofia ocidental, o que as torna precisamente **filosofia** ou conhecimento geral do mundo natural, social e humano.

A meu juízo, seria necessário distinguir os dois tipos de conhecimento por sua forma e por seu conteúdo. Farei tal tentativa, tomando a filosofia ocidental em seu conjunto, mas limitando a filosofia oriental à época antiga, pois foi então que ela elaborou seu modelo mais característico e clássico.

No que concerne à **forma** da filosofia oriental antiga, ela representa uma síntese de símbolos, metáforas, intuições e conceito, expressos numa linguagem mais literária que rigorosamente científica, onde mesmo as idéias mais abstratas aparecem na forma de imagens ou visões, recebendo, desta sorte, uma força vital impressionante. São precisamente as alegorias, as personificações e símbolos o que faz da filosofia oriental um pensamento vivo e concreto (eu diria mesmo "existencial"), uma vez que

---

(\*) Trabalho apresentado numa das mesas redondas sobre o Pensamento Oriental em Bryghton (Inglaterra), no Congresso Mundial de Filosofia (agosto/88) e cedido especialmente para publicação na Revista **Reflexão**. Tradução do Prof. Dr. Francisco Cock Fontanella (PUCCAMP).

esses são mais aptos do que as categorias abstratas a reproduzir a riqueza do particular, os numerosos aspectos dos fenômenos do Ser e, sobretudo, a complicada dialética do Um e do múltiplo.

O pensamento ocidental, ao contrário, é mais abstrato, mais conceitual e discursivo. Não é que ele não tenha tido expressões literárias, mas vê-se nele predominar o discurso, com recurso a noções precisas. Não é de se admirar se, às vezes, tais obras foram tachadas, seja de "má" literatura, seja de filosofia pouco séria. A linguagem que exprime o pensamento ocidental, mesmo quando este pretende ser concreto, expressa, em última análise, a essência abstrata da realidade, o que, de um lado, favorece a formação de noções precisas, traduzindo um pensamento rigoroso, mas que, de outro lado, limita o Ilimitado, pelo fato de que "omnis determinatio est negatio".

Para revelar o **conteúdo** dos dois tipos de filosofia, seria necessário estabelecer o objeto (Gegenstand) que lhes é próprio. Assim, enquanto que o objetivo fundamental da filosofia oriental é a **União** (do homem com Deus, do sujeito com o objeto, do homem com o mundo, etc.), a filosofia ocidental tem por objeto a **Unidade** (a origem una do mundo, a unidade do conhecimento, do Ser, do homem e do cosmo, etc.).

Levando-se em consideração as mais ilustres doutrinas da antiqüidade oriental, as dos Vedas, de Manhava-Dharma-Sastra, do Bhagavad-Gíta, de Bouddha, de Confucius, de Lao-Tseu, dos sacerdotes egípcios e outros, descobrir-se-á logo o tema central da União. A essência desta última consiste na idéia de que o homem é uma emanação da realidade divina, que ele poderá reencontrar, renunciando ao mundo ilusório do ser sensível (maya), onde sua alma se encontra aprisionada. Assim surgem as concepções do Tat-Twam-Asi, de Samadhí, do Atman-Brahman, do Nirvana, do Tchoung-young, do Tao, de Satori, e outras, pondo em evidência a primazia do aspecto teúrgico da filosofia oriental, donde o liame vivo entre o saber teórico e a prática.

A própria idéia de **dharsana** (doutrina ou ponto de vista da filosofia hindu, — do sânscrito "ver") implica a União do sujeito e do objeto na visão unificante (seja ela intuitiva, meditativa ou perceptiva), do mesmo modo que a Vidya dos Vedas e, sobretudo, do Vedanta. Os diferentes domínios da filosofia oriental revelam deste modo os diferentes planos da União: a metafísica mostra que é do Absoluto que todas as coisas provêm para a ele retornar (RV, X, 129), donde os ciclos de manvatara e de pralaya; o plano gnoseológico mostra as diferentes etapas da penetração do sujeito no objeto, isto é, o aprofundamento da consciência na essência da realidade una e divina; o plano ético (freqüentemente de matiz religiosa) mostra a ascese através da renúncia, a libertação e a fusão final com o Ser supremo. Assim o

problema da Unidade, que não é estranho à filosofia oriental, fica deste modo subordinado ao problema da União.

Ao contrário, já a filosofia ocidental antiga (sobretudo grega), malgrado um certo interesse pelo problema da União, por exemplo no pitagorismo, mantém como questão central a da Unidade ou da "arché" da existência. Segundo Tales, é a água; segundo Anaximandro, o "ápeiron"; para Anaxímenes e Diógenes de Apolônia, o ar; para Heráclito, o fogo; segundo Xenofonte, a terra; segundo Pitágoras, o número Um; segundo Platão, o espírito-demiurgo; etc. Malgrado o fato de certos filósofos (Empédocles, Demócrito, Aristóteles) admitirem dois ou mais elementos primeiros constitutivos da realidade, esses elementos não deixam de ser unidades. Poder-se-ia objetar também que havia doutrinas antigas para as quais o problema da Unidade não era central (sofística, cinismo, ceticismo), ou ainda que a questão da "arché" é fundamental somente para a filosofia moderna. Apesar disso, lá se trataria de pré-formulações da questão da Unidade, da base e da essência do conhecimento, do método do conhecimento, da unidade do homem e do mundo, ou talvez de sua desagregação etc. Mesmo aquilo a que Engels chama de "questão fundamental da filosofia" é, afinal, a posição deste problema: qual é a unidade primária: a matéria ou espírito?

Relembremos ainda o sentido do conceito de filosofia elaborada no Ocidente. Formada de "filos" e "sophia", a palavra foi introduzida por Pitágoras, provavelmente para evitar o nome pretensioso de "sophos". A "sophia" para Pitágoras era precisamente o conhecimento da existência enquanto emanção divina, tornando-se inteligível pela doutrina dos números, enquanto princípios abstratos da existência. Este caráter abstrato da filosofia ocidental, orientada para o conhecimento da essência das coisas, vem indicado também por Aristóteles, o qual concebia a filosofia como "conhecimento de todas as coisas... sem possuir a ciência de nenhuma em particular", isto é, como "ciência do universal", que compreende todos os casos particulares (Metaf., A, 2).

Malgrado as diferenças essenciais que tentei estabelecer entre os dois tipos de filosofia, é preciso notar que estes não caminham necessariamente em direções opostas. Desde a Antigüidade até nossos dias encontramos seu sincretismo, em muitas doutrinas filosóficas, religiosas, ocultistas e esotéricas (pitagorismo, neo-platonismo, gnosticismo, franco-maçônica, teosofia, etc.). Graças as relações econômicas, políticas e interculturais pôde-se observar, sobretudo a partir do século XIX, o crescimento da influência recíproca entre os dois tipos de filosofia. Além disso, a maior parte dos livros sagrados da Antigüidade oriental foi descoberta, editada e comentada por pensadores ocidentais. Na própria evolução da filosofia ocidental contemporânea percebe-se uma tendência de retorno aos mitos e aos símbolos (ontologia fundamental, estruturalismo, hermenêutica), don-

de o interesse pelo pensamento oriental. Um exemplo significativo é a obra de M. Jacques Derrida, onde se encontra uma dialética notável de conceitualização dos símbolos e simbolização dos conceitos, um desvelamento e ao mesmo tempo um velamento dos significados através dos signos e das significações.

Hoje, quando a filosofia parece esvaída, resta, entretanto, a via aberta das grandes sínteses e da União, tentada pelos grandes espíritos tais como Mahatma Ghandi, Ramakrishna, Vivekananda, Inayat Khan, D. T. Suzuki... A parábola do elefante e dos cegos, contada um dia por Ramakrishna, poderia ser aplicada às doutrinas filosóficas que se debateram em vão. Pois, para não ser uma atividade abstrata e em si, a filosofia deveria explorar o que há de mais precioso nos dois tipos de pensamento — unir sem unificar os filósofos no caminho do saber concreto, para se tornar elemento regulador da existência humana e social, conforme as leis eternas do Único. O segredo desta União, é o amor e, sendo Deus-Amor-Vida-Verdade-Realidade, ela é a essência, não somente da religião enquanto "religare", mas também da "philo-sophia". Assim, sem a "philos" a "sophia" permanece um nada, pois "a ciência sem amor não tem vida" (Inayat Khan). Mas o verdadeiro "cogito" conduz aos demais que se transformam mais e mais em "mim"...